



Resenhas Autores Diversos

Creio na Segunda Vinda de Jesus. De Stephen Travis. Campinas: Luz para o Caminho, 1990. Tradução de Claudio Wagner, do original *I Believe in the Second Coming of Jesus*, Londres: Hodder and Stoughton, 1982.

Este livro faz parte de uma coleção editada por Michael Green, sempre com o título “Eu Creio”, abordando temas controversos no cenário da fé cristã (o Espírito Santo; a Ressurreição de Jesus; o Jesus Histórico, Revelação, etc). A

proposta de Stephen Travis é diferente de outras publicações recentes na área de escatologia. Ele propoe, essencialmente, uma análise (com base na exegese do início dos anos 80) das principais passagens bíblicas que tratam do segundo advento de Jesus Cristo.

O livro inicia com uma visão panorâmica da esperança escatológica no Antigo Testamento, começando pela chamada de Abrão (Gn 12:1-3), passando pelos profetas, até a literatura apocalíptica (Daniel). O segundo capítulo aborda a pregação de Jesus sobre o “reino de Deus”.

Com base na concepção de reino apresentada pelos profetas, o autor caracteriza aqui a mensagem de Jesus sobre a “presença do reino de Deus” sob três aspectos distintos: é o reino de um que é “Pai”; traz a boa notícia do “perdão”; e envolve uma “nova ordem das coisas”. O restante do capítulo discute as questões relativas à consumação [futura] do reino e o paradoxo da “presença do futuro” no ensino de Jesus.

O terceiro capítulo traz um resumo das abordagens sobre a segunda vinda de Jesus por parte dos principais escritores do Novo Testamento. Passagens de Paulo, tais como 1 Ts 4:13-5:11; 2 Ts 1:3-2:12; 1 Co 15:20-28 e Rm 8, são examinadas levando em conta o possível horizonte hermenêutico dos ouvintes originais das cartas. Também são investigados os textos de Lucas e João com suas respectivas ênfases. Ao longo desta apresentação surgem perguntas críticas que Travis tenta responder: retardamento ou cancelamento da segunda vinda? Iminência ou demora? [pp. 86-93]. Ele busca as respostas em textos como 2 Pe 3:9 e Ap 6:10, que realçam o propósito divino por trás da demora da parousia: “A demora que parece longa da nossa perspectiva, não é longa da perspectiva de Deus e permite mesmo aos zombadores uma oportunidade de retornar a Deus” [p. 92].

O capítulo 4 discute problemas praticamente endêmicos em qualquer época da história da igreja como, por exemplo, o cálculo de datas para a vinda de Cristo a partir dos “sinais” apresentados pelos textos bíblicos, e o retorno de Israel. Dois temas também realçados por Travis nesta parte são a interpretação da profecia e a questão de um Milênio literal. Ele alista oito princípios por meio dos quais a profecia deve ser interpretada. Dentre esses princípios, chama atenção o que afirma que “o cumprimento da profecia frequentemente vai além da predição original. Quem, ao ler o Antigo Testamento, adivinharia que o Messias de Deus seria exatamente como a pessoa de Jesus? Quem previu uma encarnação, uma crucifixão e uma ressurreição como o meio preciso pelo qual Deus realizou nossa salvação? O cumprimento envolve um elemento de surpresa, de novidade.” [pp. 134s]. Quando trabalha com a questão do milênio, Travis expõe as posições tradicionais do Pré-, Pós- e A-milenismo, e chega à conclusão que o Amilenismo é a posição que melhor traduz o texto do Apocalipse, pois considera a estrutura do livro, que envolve um “paralelismo” que não descreve eventos em ordem cronológica, mas usa maneiras diferentes de descrever o mesmo evento; a linguagem “simbólica”; a compreensão da derrota de Satanás a partir da obra de Cristo durante a encarnação; e que a igreja está nos céus, não na terra para reinar

[p. 140]. Travis parece não nutrir muita simpatia pelo Dispensacionalismo, uma vez que dedica a porção final do capítulo a uma crítica ao sistema dispensacionalista [pp. 142-148]. Muito daquilo que apresenta como alerta talvez fosse diferente hoje [veja artigo sobre o “Dispensacionalismo Progressivo” neste número de VOX] pois ele tem como fonte os dispensacionalistas clássicos, como Darby, Scofield, Walvoord e Ryrie, e o popular Hal Lindsey. Isso, porém, não invalida as observações sobre, por exemplo, o esquema por demais detalhado e dogmático dos eventos do fim e a “aguda divisão” entre Israel e a igreja.

Os últimos três capítulos são dedicados à questão da vida depois da morte, ao inferno e à esperança da vida eterna. Discussões seculares como imortalidade e ressurreição aparecem aqui sob a perspectiva das perguntas que geralmente as pessoas fazem sobre esses assuntos, focalizadas com uma boa dose de intuição pastoral. A realidade do julgamento e o problema do universalismo também são tratados nesta parte. Certamente despertará a atenção do leitor para a discussão sobre a “natureza do destino final” dos descrentes, o que está ligado com a questão da imortalidade da alma. O que é o inferno bíblicamente definido? Esse assunto tem sido amplamente debatido nos meios acadêmicos evangélicos e por boa parte dos missiólogos do mundo anglo-saxão na atualidade, e merece séria consideração de todo aquele que percebe as implicações que o tema levanta para os campos da antropologia e soteriologia bíblicas. Travis, no entanto, apenas levanta o problema e tece algumas considerações sobre o mesmo [pp. 192-195].

O capítulo final, “Vivendo na Esperança”, apresenta uma breve avaliação das tensões presentes na realidade atual do cristão no mundo, desde o valor ou não do envolvimento social do crente até uma análise do Marxismo como uma visão materialista do reino de Deus. O livro termina com uma sóbria declaração sobre a tensão escatológica na vida do cristão: “Não temos de escolher entre este mundo e o mundo por vir, porque o propósito de Deus abarca ambos. Uma esperança terrena sem a perspectiva de vida após a morte é ilusória e passageira. Mas uma esperança real de vida eterna com Deus deixa-nos livres da ansiedade sobre a morte, e liberta-nos para operar a transformação deste mundo.” [p. 244].

Não há dúvida de que este livro suscita questionamentos de todos os lados; nem poderia ser diferente, pois trata-se de um assunto controvertido. Há fraquezas metodológicas, como a falta de um exame mais profundo de algumas passagens-chave como Mt 24-25, Mc 13 e Lc 21, por exemplo. Também é nítida uma certa aversão por posições mais dogmáticas, como a do Dispensacionalismo, o que imediatamente ergue barreiras desnecessárias ao debate. Travis, porém, tem a virtude de trazer à tona, de modo sintético, mas contundente, as principais questões relativas ao tema da Segunda Vinda. Sua lucidez na discussão dos textos só é ultrapassada pela sua habilidade de gerar implicações para a atualidade do cristão. Sobre a correção ou não de suas conclusões, isso fica com o leitor, que honestamente procura ouvir a “voz da Escritura” e “põe à prova todas as coisas”, inclusive suas próprias posições.